



PRÓ-SABER



DE SONHO E  
RESISTÊNCIA

**INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO PRÓ-SABER**

**NATÁLIA BITTENCOURT RODRIGUES LOPES**

**COMUNIDADE ESCOLAR: ESPAÇO PÚBLICO E PRIVADO**

Rio de Janeiro

2017

**NATÁLIA BITTENCOURT RODRIGUES LOPES**

**COMUNIDADE ESCOLAR: ESPAÇO PÚBLICO E PRIVADO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Superior de Educação Pró-Saber como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Normal Superior, com habilitação em Magistério da Educação Infantil.

Orientador: Prof. Esp. Elaine dos Santos Caetano

Rio de Janeiro

2017

L8811c	<p>Lopes, Natália Bittencourt Rodrigues</p> <p>Comunidade escolar: espaço público e privado / Natália Bittencourt Rodrigues Lopes.– Rio de Janeiro: ISEPS, 2017.– 35 fl.</p> <p>Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Superior de Educação Pró-Saber, 2017. Requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Normal Superior, com habilitação em Magistério da Educação Infantil.</p> <p>Orientador: Profa. Esp. Elaine dos Santos Caetano</p> <p>1. Educação infantil. 2. Concepções de Educação. 3. Público x Privado. I.Título. II. Orientador. III. ISEPS. IV. Instituto Superior de Educação Pró-Saber.</p> <p style="text-align: right;">CDD 372</p>
--------	--

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do Pró-Saber

## LICENÇAS

Autorizo a publicação desse trabalho na página da Biblioteca do Instituto Superior de Educação Pró-Saber ou em qualquer meio que julgue adequado, tornando lícita sua cópia total ou parcial somente para fins de estudo e/ou pesquisa.

Essa obra está licenciada sob uma Licença **Creative Commons**, maiores informações <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/3.0/>.

Rio de Janeiro, 09 de Novembro de 2017

**NATÁLIA BITTENCOURT RODRIGUES LOPES**

Dedico esse trabalho a todos alunos, famílias e educadores da creche chácara do céu, objetos de pesquisa aos quais me debrucei nesses seis meses de observação e registro para a realização desse texto monográfico.

Especialmente à minha tia Andréa que sempre me apoiou e desejou comigo a conquista desse sonho. Com muita perseverança seguiu sua vida me instruindo para um futuro melhor. Meu muito obrigado a você, tia, pela realização de um sonho que juntas conquistamos, pois, em cada obstáculo enfrentado, suas mãos estendidas permaneciam em palavras guardadas no meu coração.

À minha família, meu porto seguro, inspiração e desejo de novas conquistas.

A todo educador dedico esse humilde trabalho, para reflexão e colaboração de novas práticas.

De todas as coisas que tenho de importante nessa vida, dedico o esforço da construção desse trabalho ao meu maior tesouro, minha filha Nátaly Nicole.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus por ter me sustentado até aqui, permitindo todos esses acontecimentos.

Agradeço minha família que sempre esteve ao meu lado, pela força e perseverança que mantiveram nesses três anos de caminhada. Meu porto seguro na vida.

À minha filha Nátaly, amor da minha vida, agradeço pela compreensão nos momentos de falta.

Ao meu amor, Mauricio, uma pessoa muito especial na minha trajetória, agradeço pela sensibilidade em todos os aspectos, sempre ajudando e consolando-me nos momentos de fraqueza, me dando força para continuar.

Agradeço, em especial, à minha avó Alice, pelo suporte e por vezes exercer meu papel de mãe.

À minha mãe Jaqueline, agradeço o carinho e confiança. Obrigada por fazer parte da minha história. Com todo sofrimento da vida, posso lhe dizer que hoje estás rodeada de pessoas que lhe amam e eu sou uma delas.

Agradeço ao meu pai, Robson por participar desse momento tão especial pra mim. Obrigado pela confiança, sou grata aos seus bens feitos em minha vida.

Agradeço à minha prima Lorrane pelo suporte durante esses três anos, com muita calma e dedicação me orientando nas digitações.

Agradeço aos meus colegas e amigos, em especial a Priscille, uma amiga irmã que Deus enviou na minha vida. Apesar da distância e da falta de tempo para descontraí-los, acreditaram em mim.

A todo corpo docente do Instituto Pró-Saber, desde o porteiro à direção, agradeço pelo carinho e acolhimento, do início ao final do curso. Agradeço diretamente a todos os professores que fizeram parte do meu processo de aprendizagem, pelas oportunidades e novos conhecimentos ofertados.

À minha professora e orientadora Elaine Caetano, agradeço o carinho e paciência nos meus momentos de angústia, todo suporte a mim dedicado no período monográfico, e toda orientação desde as aulas à conclusão do trabalho final.

À creche Chácara do Céu, aos meus alunos e equipe de trabalho, meu muito obrigado pelas experiências vividas e apreendidas. Agradeço à minha parceira de trabalho Jéssica, que me acompanhou do início ao fim, ajudando sempre que necessário e suprimindo alguns espaços da minha caminhada. Em especial agradeço à minha diretora Cláudia Sabino pela oportunidade concedida.

Agradeço à turma 2015 pelas trocas e partilhas de saberes que muito agregaram à minha prática. Ao bonde 409 (subgrupo formado na turma 2015), Cleide, Fabiane, Florenita, Mônica, Roberta e Simone, a vocês meu muito obrigado pelos três anos de parceria, com diálogos, fofocas, risadas, trocas e tudo de bom que vivemos juntas. Apesar das diferenças, unidas chegamos de mãos dadas até aqui.

“Se, na verdade, não estou no mundo para simplesmente a ele me adaptar, mas para transformá-lo; se não é possível mudá-lo sem um certo sonho ou projeto de mundo, devo usar toda possibilidade que tenha para não apenas falar de minha utopia, mas participar de práticas com ela coerentes.”

Paulo Freire

## RESUMO

Essa monografia pretende abordar os conceitos de espaço público e espaço privado. Tendo como foco sua importância na relação entre escola e família e sua relevância para uma conduta ética entre os profissionais das instituições de educação, levando-os a refletir sobre sua prática. Destacando e valorizando a formação continuada e de qualidade para esses profissionais. Esse texto foi baseado em uma pesquisa de campo feita em uma creche comunitária, da zona norte do Rio de Janeiro, a partir de uma concepção de educação construída no Instituto Superior Educação Pró-Saber (ISEPS).

**Palavras-Chave:** Espaço público. Espaço privado. Concepção de educação. Escola x família. Formação de professores.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>09</b>
<b>1 ESPAÇO PÚBLICO E PRIVADO: A CRECHE E SUAS DIFERENTES AUTORIDADES</b>	<b>13</b>
<b>2 A CRECHE E SUAS DIFERENTES CONCEPÇÕES: DAS NECESSIDADES AOS DIREITOS</b>	<b>21</b>
<b>3 CONSTRUINDO UM DIÁLOGO ENTRE CRECHE E FAMÍLIA</b>	<b>25</b>
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>30</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>34</b>

## INTRODUÇÃO

Em Maio do ano de 2014 iniciei meu trabalho como educadora na Creche Chácara do Céu, sendo essa a que hoje continuo atuando. Confesso ter sido desconstruída com a metodologia trabalhada na instituição, pois trazia na ideia o papel da creche como um espaço de aprendizagens com profissionais detentores do saber, onde o professor ocupava a função de ensinar seus alunos, e o auxiliar (tratado como educador na Creche Chácara do Céu) teria o papel de cuidar dessas crianças: dando banho, trocando fraldas, brincando. Sem nenhuma intervenção no pedagógico.

No meu primeiro dia de trabalho, durante a apresentação, fui recebendo algumas instruções: Planejamento (O que seria?); Brincadeiras dirigidas, com intencionalidade (Do que se trata?); Interação com o grupo (inclusive com a mistura de turmas); Reuniões pedagógicas (não seria somente para os professores?); Tia não, Natália (Por que não posso ser chamada de tia Natália?); Aprender e ensinar a todo momento; (O que aprender com crianças tão pequenas? E o que ensinar?). Muitas questões se fizeram presentes em minha cabeça, mas, com o passar dos dias, fui construindo confiança no papel exercido, no trabalho construído em grupo e nas relações estabelecidas com as crianças.

Enfim, fui surpreendida pela concepção de educação democrática que pairava naquela instituição, onde o professor e o educando mantém suas autoridades de forma harmoniosa, um respeitando o outro. O professor com sua autoridade de professor, dando vez e voz ao seu aluno, sendo co-autor de suas ações, participando de forma significativa do seu processo de desenvolvimento. O educando com sua autoridade de educando, com sua bagagem histórica dividindo experiências com o grupo, ensinando através da sua visão de mundo, adquirindo conhecimentos em suas vivências, aprendendo com trocas o que tem a lhe ensinar o professor.

Terminando o terceiro ano do ensino médio, no mês de Outubro, ainda no ano de 2014, fui convidada pela direção da creche para participar de um vestibular, para o Curso Normal Superior de Educação Infantil, realizado pelo Instituto Superior de Educação Pró-Saber (ISEPS). Muito desacreditada, pouco pensei na possibilidade de cursar um curso superior, pois a idade já avançada, no meu ponto de vista, 25 anos, e ainda concluindo o terceiro ano do ensino médio. Não enxergava outras

possibilidades. Mas fui, encarei a realidade, enfrentei o medo e fiz a prova do vestibular.

No ano de 2015 me tornei aluna do Instituto Superior de Educação Pró-Saber, uma instituição de educação superior, localizada no bairro Humaitá. Foi a partir daí que pude começar a compreender a prática pedagógica que norteia a creche em que atuo. O Instituto Pró-Saber acredita e defende a concepção de educação democrática, inspirada em Paulo Freire, dando vez e voz às alunas, ligando a prática à teoria, promovendo momentos de trocas de experiências e vivências que nos cercam no dia a dia.

A partir das aulas e dos conteúdos contemplados no curso, fui atravessada pelas disciplinas “Psicologia e Comunicação I e II”, que tratavam da relação creche e comunidade e da comunidade escolar, inseridas na grade do quinto e do sexto período, ministradas pela professora Elaine Caetano. A partir das aulas, fiquei impactada com os assuntos: “creche e comunidade”, participação da família; espaço público e privado. Enfim, assuntos que estavam diretamente ligados à minha prática.

Como já citado acima, trabalho em uma creche situada na zona norte do Rio de Janeiro, presto serviços à instituição há três anos. A creche iniciou seu atendimento no ano de 1985, em um espaço pouco favorecido atendendo às necessidades de algumas famílias da comunidade: das mães que entrariam no mercado de trabalho. No início de sua história, com poucos funcionários, a creche, assim como as outras promovia assistência às crianças e famílias assistidas.

Em 1992, passaram a atender em outro espaço físico, sendo esse composto por três salas de aula, um refeitório, uma secretaria, uma cozinha, três banheiros infantis, uma brinquedoteca, um parquinho e uma sala de multirefunções. O atendimento é oferecido às crianças de um ano a três anos e onze meses, que correspondem às turmas de Berçário II (1 a 2 anos), Maternal I (2 a 3 anos) e Maternal II (3 a 4 anos).

A creche é constituída pelo corpo técnico formado nas seguintes funções: dois presidentes; uma administradora; uma diretora; uma coordenadora; quatro professores; cinco auxiliares; duas cozinheiras; uma auxiliar de serviços gerais e um motorista.

Atualmente atuo na turma Maternal I, com 24 crianças de idade entre 2 a 3 anos. Em sala somos 4 educadores: 2 auxiliares e 2 professoras, uma no período da

manhã e outra à tarde. Com um olhar atento e sensível, acompanhamos de forma pessoal cada indivíduo, refletindo nossa prática diária. Com registros, a partir das observações, acompanhamos nosso cotidiano, pautando nossas propostas, acompanhando o desenvolvimento do grupo.

Na creche lidamos com três grupos distintos: os alunos, as famílias e o corpo técnico da instituição. Nesses grupos construímos diversas relações, todas para tratarmos de assuntos em comum, sendo o foco principal o bem comum da criança. Refletindo sobre minha prática, deparei-me com a mistura, que ocorre muitas vezes, entre espaço público e espaço privado e a falta da participação da família na escola.

Alguma inadequação da postura ética do profissional gera conflitos na equipe, podendo levar à mistura entre espaço público e privado. Quando o profissional não compreende que a creche é um espaço público, ou seja, que a creche não é sua casa, pode acabar prejudicando o desenvolvimento da comunidade escolar, afetando o ensinar do professor, o desenvolvimento da criança e a participação da família na creche.

Ocupamos o papel de modelo não só para criança, mas também para o adulto, para todos que nos reconhecem como autoridade no dia a dia. A partir de nossas ações despertamos a atenção do outro, o fazendo refletir sobre sua prática, tomando pra si nossas ações como modelo, construindo assim sua forma de ensinar. Temos o poder de transformar assim como o de destruir, por isso, se faz necessário a reflexão constante da prática pedagógica.

Atentando meu olhar para prática diária, passei a analisar no dia a dia como se davam as diferentes relações no espaço. Acredito que por se tratar de um assunto que me afetava, escolhi o tema “comunidade escolar - espaço público e privado” para ser pensado em meu trabalho de conclusão de curso (TCC), pois muitas condutas inadequadas e seus efeitos atingiam diretamente a minha atuação. Pensando nos princípios que norteiam as relações entre creche e comunidade escolar, busquei através de pesquisas, respostas para algumas questões críticas e construtivas que abarcam nossa prática através das relações do dia a dia. Sendo assim, busco a partir desse texto contemplar práticas esperadas e inadequadas de um profissional de educação infantil.

No primeiro capítulo abordo as diferentes autoridades que permeiam a relação da criança no espaço público e privado, contemplando minhas experiências como profissional de educação infantil. Apresento também as dificuldades

encontradas na saída do grupo primário, família, para o grupo secundário, creche, as diferentes formas de educar nos diferentes espaços.

No segundo capítulo trago a história da educação infantil. O binômio cuidar e educar que cercam o dia a dia do profissional de educação.

E o terceiro capítulo, enfatiza a importância da parceria entre creche e família, nos diferentes papéis que atravessam o cotidiano da criança.

## **1 ESPAÇO PÚBLICO E PRIVADO: A CRECHE E SUAS DIFERENTES AUTORIDADES**

A creche é constituída pelo seu corpo técnico (equipe), crianças e suas famílias. Cada um com sua individualidade partilhando seus valores e multiplicando seus conhecimentos. Sendo um espaço educacional cuida do desenvolvimento da criança, respeitando sua história, a cultura do meio em que está inserida, suas vivências e seus conhecimentos, propiciando trocas e interações com o outro. Por ser um espaço de vida, as creches devem trabalhar com o heterogêneo e a pluralidade.

”Cada creche se constrói e se reconstrói, diariamente, a partir dos elementos humanos, espaciais, sociais, culturais e econômicos de que se dispõe” (ABRAMOWICZ.; WAJSKOP, 1995, p. 13)

A partir do momento em que a instituição abre suas portas para um educador acredito que deva ter um preparo de ambos. A creche deve buscar conhecer o educador e a concepção que o acompanha, assim como o educador deve buscar um conhecimento sobre a concepção que direciona as práticas do lugar onde está sendo inserido. Após esse conhecimento do espaço e da estrutura institucional o educador poderia buscar compreender a sua função, aquilo que lhe compete enquanto educador e, conseqüentemente, compreender o seu papel no espaço, para assim dar conta do seu trabalho com a criança.

No ano de 2010 passei pela minha primeira experiência na educação, trabalhei em uma creche atuando como auxiliar. Participando dos trabalhos e das relações desenvolvidos no espaço, pude experienciar as diferentes maneiras de relações. Durante o percurso pude conhecer o trabalho regido pela equipe, assim como os benefícios dos funcionários. Com o direito de manter o estudo de seus filhos na mesma instituição, professores e educadores, funcionários da creche, tinham o privilégio em inserir seus filhos na instituição, sendo bem orientados a diferenciar e mediar suas relações com seus filhos. A partir das experiências vividas, percebi que esses funcionários mantinham um zelo em seus devidos papéis, acredito que pelo receio em perder a oportunidade concebida, buscando da melhor forma auxiliar suas diferentes atuações, ora mãe (nas reuniões, participação no desenvolvimento escolar de seu filho, atividades pedagógicas...), ora educador

(atuando em sala de aula como modelo, respeitando seu lugar e o lugar do outro) para assim fazer valer seu profissionalismo.

No mesmo ano em que entrei na creche, presenciei uma cena que pode trazer uma reflexão sobre o conteúdo abordado. Uma auxiliar recebeu a proposta de inserir sua filha na creche, com dois anos de idade, e a criança mordida bastante. A funcionária foi chamada por algumas vezes na direção, porém, o caso continuou. Um dia, após uma mordida da filha chamaram-na novamente. Sem perda de tempo essa funcionária foi dispensada. Logo após esse acontecimento, recebi a proposta de colocar minha filha na instituição, mas com muito medo e falta de segurança optei por deixá-la em casa.

Hoje em outro contexto, em uma nova experiência, na creche em que atuo, percebo que, talvez por manterem um vínculo afetivo, os funcionários “confundem” e misturam suas relações. As autoridades perdem seus valores, deixando de lado seu papel na instituição para não confrontar uma relação mantida fora da mesma. De maneira em que a inadequação é aceita, pode se tornar rotina, trazendo problemas.

No espaço privado as autoridades são, o pai e a mãe, cabe a eles as decisões, cuidados e regras estabelecidas para o aprender da criança, estimulando o envolvimento e demonstrando interesse no que aprendem. Como família devem propiciar momentos de interação e construção de valores.

É de suma importância o reconhecimento de limites e autoridade. Com afeto e respeito acredito na melhor compreensão da criança, pois de nada vale as preparar para um bom convívio social sem uma relação afetiva com o outro, sem trocas de sentimentos.

Ao chegar em um espaço público (creche), espaço de bem comum para todos, a criança depara-se com outras autoridades, sendo essas distintas. Inserido em um grupo de iguais passa então a compartilhar suas experiências trazidas do contexto familiar, dando continuidade no contexto escolar. Como escola, temos o papel de auxiliar essas crianças em suas relações com o outro, ensiná-las a conviver em grupo e construir sua identidade. A escola enquanto espaço institucional, constitui-se na relação aprender-ensinar, trabalhando coletivamente as relações sociais, interacionais e harmônicas entre pessoas.

Trago abaixo uma situação já vivida em minha instituição para ilustrar o quanto essa mistura entre o público e o privado, pode influenciar na construção da

relação das crianças com essas figuras de autoridades presentes numa instituição de educação infantil.

Temos uma aluna a qual a avó é uma educadora da creche. Temos muita dificuldade em nossas relações no dia a dia, pois a mesma não consegue separar a vida privada de sua atuação enquanto profissional. Aqui o público e o privado estão bem misturados. No mês de Agosto de 2017, tivemos um passeio. Estava o dia fechado, colocamos casaco em todas as crianças. Maria (aluna/neta) tinha um casaco na mochila e o colocamos nela. Minutos antes de sairmos a educadora/vó entrou em nossa sala e tirou o casaco da menina e disse que não iria para o passeio com um casaco curto como aquele. De imediato a professora falou que era o único na mochila e sem o casaco a menina não sairia. Começou então uma grande confusão... Por fim, a educadora/avó foi até a sua casa (próximo a creche, em horário de trabalho), pegou um casaco, em sua concepção, adequado e trouxe para a aluna/neta.

Perante a situação constatei a falta de adequação por parte de alguns educadores, que deveriam saber separar seus papéis, os distintos comportamentos que cabem num espaço privado, mas não no espaço público.

A instituição de educação infantil sofre um pouco nesse aspecto: as famílias nela inseridas confundem as relações dentro e fora do espaço escolar. Por existirem vínculos em ambos os espaços, não dão conta dessa comunicação. Ora os educadores mantêm uma relação além da conta, passando por cima da ética profissional. Ora o responsável confunde o educador como um funcionário de uso particular, não mantendo o respeito.

Acredito que, por vezes, somos nós, educadores, que abrimos espaço demais nessa relação, com trocas em redes sociais, conversas paralelas e/ou amizades em comum dentro do espaço de trabalho, que não deveriam ser mantidas no meio profissional. Também por morarmos na mesma comunidade das famílias assistidas pela instituição passamos por certo desafios, somos abordadas por diversas vezes com assuntos escolares em lugares impróprios, tirando nossa privacidade. Às vezes, somos julgadas e até mesmo difamadas por frequentarmos certos lugares onde parece não termos o direito de frequentar.

"Quando educamos?  
Quando educamos  
as crianças

os professores  
os pais?

Quando educamos?  
Existe hora determinada onde somos educadores e  
depois deixamos de ser?  
quando educamos?

Estamos educando quando  
silenciamos, nos omitimos,  
quando brigamos ou choramos?  
Quando educamos?

Estamos educando quando  
não nos escutamos e  
nem escutamos o outro?  
Quando educamos?

Estamos educando quando  
Demonstramos  
nosso desespero, nosso ódio, nossa inveja  
nosso querer bem  
nosso afeto no abraço quente?  
Quando educamos?

Estamos educando quando  
nosso corpo está rígido e  
nosso risco frio?  
Quando educamos?

Existe hora determinada onde somos educadores e  
depois deixamos de ser?  
Quando educamos?  
Um artista é artista  
Só quando usa seu instrumento de trabalho?  
Ou ele é artista?  
desde a hora que desperta  
até a hora que adormece?  
Quando educamos?

O ato de educar  
É contínuo, permanente,  
porque quem educa  
é a pessoa  
na sua totalidade,  
com suas incoerências e limites  
em todos os seus momentos." (FREIRE, 2008, p. 142-143)

O ser humano em sua vida de primeiro é inserido em um grupo primário, onde tem suas primeiras vivências de vida, tomando experiências, construindo suas habilidades, para assim dar-se conta de como viver em outros grupos, sendo esses secundários. Ao sair do núcleo familiar por vezes somos inseridos em um espaço de desenvolvimento infantil (creche), quando não ficamos com pessoas que dirigem suas atenções aos nossos cuidados. Toda criança ocupa o papel principal em seu grupo primário, tendo atenções necessárias aos seus interesses, movidas de acordo com suas necessidades. Ao sair deste grupo primário a criança se depara com situações difíceis, tendo que dividir suas atenções com outros, desejando um atendimento direto, sendo o mesmo direcionado a todos.

É no núcleo familiar que a criança recebe, ou deveria receber os primeiros conhecimentos éticos de uma boa relação. A família tem a função de ensinar a criança as boas maneiras, os primeiros valores da vida, a educação para com o outro, como: Desculpa, por favor, com licença, obrigada... palavras que costumamos dizer " mágicas " na escola.

Na família, aprender é "natural" e espontâneo porque sedimenta-se na intuição, na informalidade orientados por valores. Mesmo sendo de crucial importância no espaço da família a introdução da criança numa ética primária, em que regras sociais de "bons modos", de "boa educação" são vivenciadas. (FREIRE, 2008, p. 145)

Assim, com essa ética primária se torna possível a interação no grupo. O educar se dá pela via da palavra, onde devemos nomear toda ação e/ou ato de normas sociais.

Nos grupos secundários, a ocupação do ser deixa de ser única e passa a ser coletiva, à medida em que se relaciona, interagindo com o outro ocupa um lugar na vida desse outro, sendo assim, invadido pelas experiências e laços formados no grupo. Acredito que o mais difícil nesse momento é a adaptação às normas de convivência, aos cuidados oferecidos e à adaptação ao novo ambiente, espaços e pessoas.

Em um espaço de educação cabe ao professor conhecer cada indivíduo, pois com esse olhar atento e sensível fica mais sadia a relação com o educando, abrangendo assim toda necessidade do grupo e individual quando necessário.

Acredito que o vínculo é uma unidade primária, que se subdivide entre as pessoas que ocupam o laço familiar do sujeito. Ao entrar em um grupo secundário esse vínculo precisa de uma adaptação e uma confiança para ser construído.

Quando esse segundo grupo é a escola, cabe ao professor organizar um espaço atraente aos olhos da criança, e uma confiança primeiramente aos pais. Assim, sentindo segurança passam confiança aos seus filhos. Mesmo tratando de um grupo secundário devemos ter um olhar atento a cada indivíduo, acolhendo suas necessidades da maneira que não afete o grupo todo.

Segundo Freire (2008, p. 145), na família a criança aprende naturalmente, sem valores "educativos". Na escola, esse aprender se dá de forma transmitida, com profissionais comprometidos e capacitados, a escola fundamenta-se em uma teoria, na busca e construção de aprendizagens para criança. Cercada de um contexto histórico e afetivo, a criança carrega consigo todos os valores formados a partir de convívios familiares e sociais, transmitindo saberes, adquirindo conhecimentos. Nesses grupos, a criança tem como referência toda ação a si apresentada. Como modelo, o outro tem uma ocupação marcante no processo de aprendizagens da criança, sendo esse outro adulto ou criança. Com os exemplos e experiências forma-se a bagagem do ser, com ideias e comportamentos mediados aos que lhe foram apresentados. Sendo assim, como modelo devemos revisitar nossas ações perante a criança, pensando e repensando nosso modo de agir.

A todo momento na vida estamos educando, seja uma criança, outro adulto, um idoso, a nós mesmos, enfim, educamos e somos educados em toda ação, em todas interações nos diversos grupos.

Aprendi com Madalena Freire (2008) no ISEPS, que a palavra educador significa, educar a dor. Educar a dor de uma separação; a dor de uma desconstrução; a dor sofrida no processo de aprendizagem; a dor da falta em uma criança; educa a dor e a fome de um desejo.

Educamos somente na escola, ou educamos em qualquer espaço público e privado inseridos? Na escola educamos como professor, modelo da ação da criança, assim como educamos a ação do parceiro de equipe, atravessando sua prática.

Na nossa casa educamos nossos filhos enquanto mães/pais, educamos também nossos familiares, com as trocas e escutas. Nos espaços públicos, educamos e somos educados com a representação do outro, que atravessa nossa ação de forma construtiva e por vezes destrutiva.

Assumindo a postura de educador no contexto exercido, ousar dizer que todo ser humano, com sua singularidade, exercendo seu papel de fala e escuta,

refletindo, desejando e socializando, torna-se um ser educador de suas ações e da ação do outro.

" Escola não é casa.

Casa não é escola. " (FREIRE, 2008, p. 145)

Contudo, ambos se completam, a família dependendo do apoio escolar e a escola dependendo do apoio familiar. Sendo assim, é de suma importância conhecermos bem as famílias atendidas assim como o contexto histórico da criança. A participação da família na escola é primordial para o melhor desenvolvimento da criança, pois " escola não vive sem comunidade e a família não vive sem escola" (FREIRE, 2008, p. 145)

A partir do momento que deixamos de olhar a criança como construtor de conhecimento não garantindo a igualdade de oportunidades, acaba-se favorecendo um e esquecendo do todo. Sem dizer o efeito que produz na atuação do próximo.

O que não posso obviamente é permitir que minha afetividade interfira no cumprimento ético do meu dever de professor no exercício de minha autoridade. Não posso condicionar a avaliação do trabalho escolar de aluno ao maior ou menor bem querer que tenha por ele (FREIRE, 2008, p. 141)

Às vezes, percebo que podemos ser desrespeitadas enquanto figuras de autoridade em nosso convívio com a criança, quando chamamos sua atenção e outro educador, ao desprezar a sua fala, toma para si a autoridade perante a criança, colocando-se em uma posição superior a sua. Assim esse educando com sua autoridade não é capaz de ver, tão pouco respeitar a autoridade do educador.

A autoridade é construída de forma constante, a partir do vínculo entre o educador e seu educando. Quando interrompida se perde. Como autoridade em sala de aula, o educador torna-se modelo para o seu aluno, com suas ações e palavras atravessando cada indivíduo.

Por vezes, sem intenção rompemos uma relação saudável e respeitosa entre educador e aluno, fazendo não valer a palavra, os comandos, sua autoridade perante o grupo, passando a frente rompendo sua atuação. O educador torna-se autoridade diante de sua turma, mas como mantê-la perante duas ordens?

Dentro de sala temos mais de um adulto exercendo a função de educador, cada um com seu jeito e ideia, que por vezes tomam visões diferentes sobre

determinados assuntos, porém com um mesmo objetivo, na mesma função mediante ao papel que exercem: a formação de novos cidadãos para a sociedade.

Talvez por passar a maior parte do tempo em sua instituição trabalhando com a criança, muito mais tempo do que passa em sua própria casa, o educador pode vir a se sentir em casa, fazendo extensões entre a creche e a sua casa.

Aposto também no instinto maternal, um vínculo afetivo muito forte na vida de quase toda mulher, afetando sua ética profissional. Por se tratar de crianças bem pequenas e "dependentes" há uma maior preocupação e cuidado com as mesmas.

A identidade da educação infantil ora tende para escolarização/ preparação para o ensino fundamental, ora para o assistencialismo, entendido como cuidar das crianças desprovidas de atenção e criar hábito de civilidade, numa contribuição que se estende para a família e para a comunidade. (CORSINO, 2009, p. 33)

## 2 A CRECHE E SUAS DIFERENTES CONCEPÇÕES: DAS NECESSIDADES AOS DIREITOS

A palavra creche, de origem francesa, e que significa manjedoura, foi utilizada para designar a primeira instituição criada pelo Padre Oberlin, na França, há mais de duzentos anos, para guardar e abrigar crianças pequenas consideradas necessitadas pela sociedade da época. (ABRAMOWICZ; WAJSKOP, 1995, p. 9)

Talvez essa mistura que se dá entre o espaço público e privado em instituições de educação infantil possa ter alguma raiz na história do surgimento dessas instituições. O surgimento das creches se deu a partir de necessidades, que buscavam atender às faltas assistenciais encontrada nas diversas famílias. A creche era vista como um espaço para suprir as necessidades do cuidado higiênico da criança e, necessidades de trabalho para os pais. Na época, os cuidadores faziam o papel da família na vida dessa criança.

Até pouco tempo, esses espaços realizavam um trabalho assistencialista, voltado ao cuidado, às crianças, que eram vistas como seres dependentes de cuidados, atendendo às necessidades das mães. As vagas nas creches eram direcionadas às famílias que precisavam trabalhar e às classes baixas, que passavam por necessidades. Logo as creches se constituíram, por meio de iniciativas comunitárias sendo asseguradas pela Secretaria de Assistência Social, por meio de diversos convênios.

Vale ressaltar que até então, na perspectiva jurídica é na realidade social dos estados brasileiros, a maioria das creches se constituiu a partir de iniciativas comunitárias apoiadas pelas Secretarias de Assistência Social ou Bem-Estar, por meio de diversas formas de convênio. (GUIMARÃES, 2011, p. 30)

O olhar assistencialista ainda tem uma grande força na educação. Em suas ações, o educador transparece a força da assistência como objetivo fundamental na educação infantil.

O direito à educação desde o nascimento, como consta na Constituição brasileira de 1988, é fruto de um longo processo de transformações sociais e de conquistas.

Após a Constituição, as creches passam a ser pensadas e reivindicadas como um lugar de educação e cuidados coletivos, sendo vista como instituição de

educação, um direito a toda criança, desde o nascimento, sendo a criança considerada como ser de direitos.

“Art. 7º A criança e o adolescente têm direito à proteção, à vida, à saúde, mediante a efetivação de políticas sociais públicas que permitam o nascimento e o desenvolvimento sadio e harmonioso, em condições dignas de existência.” (BRASIL, 1988, p. 17)

A partir da constituição foram gerados inúmeros manifestos sociais direcionados ao direito da criança, mantendo como consequência a valorização da infância, passando a educação infantil a um dever do estado.

Como um dos primeiros marcos, insere-se no ano de 1990 o Estatuto da criança e do adolescente (ECA), porém foi em 1996 a partir das Leis de diretrizes e bases da educação nacional (LDB) que se estabeleceu o vínculo entre o atendimento de crianças de 0 a 3 anos, considerada a educação infantil como primeira etapa de educação básica, dividida no atendimento em creches e pré-escolas.

“Nos anos de 1980 e 1990, com gestões eleitas para municípios, surgem propostas diferenciadas algumas voltadas à melhoria da qualidade de vida da população.” (CORSINO, 2009, p. 35)

Neste caminho, o profissional de educação infantil, antes visto como recreador, hoje mantém uma visão mais aceitável passando a ser valorizado como educador, que atua em prol do desenvolvimento da criança, buscando bases pedagógicas para um melhor trabalho.

No início, os profissionais de educação não necessitavam de estudos, tão pouco conhecimentos, bastava ter experiências com crianças e afazeres domésticos, pois o trabalho era dirigido às mesmas necessidades.

Ser mãe e ter experiências no trabalho doméstico são experiências que constituem a profissional de creche, integrando-se no processo de sua formação, e não podem ser excludentes. Ser mãe não é um requisito, mas contribui para construir o ser profissional. (GUIMARÃES, 2011, p. 53)

Com o olhar voltado a aprendizagem da criança, o educador deve buscar aperfeiçoamento na sua qualificação, buscar práticas significativas para aprendizagens de ambos, educador e educando, atendendo a necessidade e o desenvolvimento da criança. O professor tem um papel fundamental para a construção de um indivíduo autônomo.

Segundo Bodnar (2011, p. 199) baseada na teoria de Kramer, o professor em suas propostas deve garantir a condição entre a teoria e a prática, fortalecendo seu trabalho pedagógico, por isso a necessidade de uma formação continuada.

Porém tudo isso, ainda é muito recente e parece que ainda estamos num momento de transição, no qual as instituições de educação infantil ainda são vistas como espaços assistenciais, recreativos e de cuidados prestados à criança e, talvez, entendidos como uma extensão de casa.

Ainda nos dias de hoje existem profissionais de educação que praticam um atendimento assistencialista no dia a dia. Acreditando na creche como um lugar que presta serviços à família, onde mães e pais necessitam deixar seus filhos para trabalhar.

É desagradável a falta de humanização e reconhecimento do profissional de educação, que independente de sexo ou origem devem ser respeitados e valorizados pelo papel exercido na vida humana.

Com esse olhar fica difícil passar ao outro a ideia da creche como um espaço de desenvolvimento, não um lugar somente de benefícios para família, que as mães deixam seus filhos para irem trabalhar. O fato de pegarmos uma criança, cortar suas unhas, passar pente fino no cabelo, dar banho em tempo frio, chamar de "meu filho"... nos tira o direito de cobrar a participação de sua família na creche? Quando agimos dessa maneira, permitimos que o pai e a mãe exerçam sua função? Como fazer com que os pais acreditem na parceria entre escola e família, se não damos espaço para essa participação? Acredito que de nada vale cobrarmos em reuniões e diferentes espaços de comunicação, um cuidado com a higiene da criança, um combinado de regras simples, uma participação nas atividades propostas, enfim, se no final do dia a criança chega em casa com todos os cuidados cobrados. Devemos revisitar nossa prática diária. Nas reuniões cabe falar sobre assuntos pedagógicos, que apresentem aos pais o trabalho feito com a criança no dia a dia escolar, salientando o desenvolvimento e o trabalho pensado, realizado e planejado com seus filhos, a importância da brincadeira e da interação entre o grupo.

A preocupação com o cuidado, vem separado do educar. Percebo na minha prática que a criança deve estar sempre bem penteada, arrumada, de banho tomado, mas como mantê-la assim em um espaço de interação com o outro, de experimentação do mundo?

Constitui-se uma imagem de criança fraca, a ser protegida, submetida exclusivamente aos vínculos parentais. O lugar privilegiado da família nuclear é legitimado pelos princípios higiênicos. Quando focalizamos nos itens anteriores o nascimento da creche no Brasil, podemos verificar que esse ideário interfere fortemente na visão da creche como algo negativo, substituto da mãe, com finalidade de fazer pela família o papel da preservação da integridade física e higiênica da criança. (GUIMARÃES, 2011, p. 57)

Infelizmente, o educar e o cuidar ainda são vistos como coisas distintas, sendo essas um binômio constante na prática. Não existe cuidado sem educação, nem tão pouco, educação sem cuidado. Quando educamos uma criança, automaticamente estamos cuidando do seu bem estar, dos seus aprendizados. Assim quando cuidamos estamos educando suas ações, seu cuidado próprio e social.

A creche não deve se limitar aos cuidados físicos da criança, mantendo uma reprodução de um ambiente familiar. Como instituição de ensino e Educação, com profissionais capacitados, a creche deve oferecer um trabalho pensado, estruturado nos caracteres pedagógicos, a partir do projeto institucional devidamente organizado.

A base do cuidado humano é compreender como ajudar o outro se desenvolver como ser humano. Cuidar significa valorizar e ajudar a desenvolver capacidades. O cuidado é um ato em relação ao outro e a si próprio que possui uma dimensão expressiva e implica em procedimentos específicos. (BRASIL, 1998, p. 24)

Além das suas necessidades básicas como: alimentação; proteção; criação; descanso, a criança necessita de cuidado a ação, precisando de afeto. Na educação infantil essas necessidades são primordiais, por se tratar de crianças bem pequenas existe uma carência de cuidados, exigindo um olhar mais atento e sensível do educador.

O cuidar significa educar, acompanhado de ricos conhecimentos e respondidos por aprendizagens, ele se faz presente a todo momento na vida da criança. Para cuidar é preciso observar, constatar a necessidade da criança e ajudando de forma adequada o outro, mantendo atenção na construção do vínculo entre quem é cuidado e o cuidador.

### 3 CONSTRUINDO UM DIÁLOGO ENTRE CRECHE E FAMÍLIA

Durante a entrada na creche, com o período de adaptação das crianças e a proximidade dos pais, é de suma importância a construção do vínculo, objetivando uma relação estável e sadia.

No processo de adaptação, é de suma importância a participação dos pais, ou algum componente da família da criança na escola. Estando com esse responsável participando do primeiro momento dessa criança na escola é significativo para construção do vínculo, assim acompanhando de perto todo trabalho e estrutura do espaço estabelecem confiança, transpassando tranquilidade e conforto para sua criança. A adaptação é um processo contínuo, estabelecida pelo vínculo e confiança transmitida aos pais e as crianças, a instituição e seus educadores devem preparar espaços para uma relação de confiança, pois o sentimento de "perda" é total neste momento. A criança chora com a falta da mãe, e a mãe chora com o afastamento de seu filho.

Para o começo desse diálogo é necessário manter clareza da concepção trabalhada, educação transmitida pelo profissional, o processo de ensino e aprendizagem realizados na prática diária.

O papel da escola para a família deve ser colocado com total transparência, passando o significado e o nível que ocupam. O professor deve buscar estratégias que permitam um diálogo com as famílias, sendo essas a partir de reuniões, dos registros nas agendas das crianças, enfim, todo profissional educador deve informar às famílias atendidas sobre o trabalho realizado no dia a dia com a criança, demonstrando com confiança a (co)responsabilidade entre creche e família, fazendo com que os pais não se sintam excluídos do processo de desenvolvimento de seus filhos, e sim participantes ativos nessa construção.

Na parceria entre família e escola, com a busca conjunta do bem estar e as construções de aprendizagens da criança, ambas devem apoiar cada passo no processo da criança, comemorando os progressos e apoiando nos possíveis regressos. Porém, fica difícil esse acompanhamento sem um prévio conhecimento dessa família atendida, mas não um "ponto de vista" ou "achar", levantando um pré julgamento da história dessa criança, devemos conhecer o contexto que a cerca, buscar informações que contextualize essa criança. A creche deve apoiar as famílias, trabalhando em uma via de mão dupla, que atenda ambas as

necessidades, da escola e da família. A creche não pode negligenciar as situações trazidas pelas famílias atendidas, deve apoiar e tentar de alguma forma contribuir para a resolução do problema. Não que devam resolver situações trazidas de casa, porém como as relações de ambos os espaços são reverberantes no outro, com parceria solicitamos ou dispomos da ajuda necessária. Assim como apontamos os pontos negativos dessas famílias, precisamos apontar os positivos, salientando a importância dessa participação, pois o interesse só é revertido por interesse, só conseguimos mantê-lo demonstrando-o.

O convívio familiar tem um grande peso nas relações sociais da criança. As relações mantidas em casa refletem nos grupos que essa criança está inserida. Por vezes, repreendemos ou até mesmo discriminamos as ações da criança, porém não conhecemos tão pouco procuramos saber o tipo de modelo que acompanha em casa, qual educação lhe é oferecida.

Muitos familiares apresentam dificuldades em lidar com o comportamento da criança, não controlando o comportamento e as ações representadas.

Assim como trazem toda bagagem de casa para escola, a criança leva toda vivência e aprendizagem adquirida na escola para o seu núcleo familiar, representando o trabalho que lhe é oferecido. Por vezes escutamos um pai ou uma mãe dizer, “Mariazinha” te ama, fala em você o tempo inteiro; você não cansa de contar histórias; em casa o Pedrinho só te imita contando histórias...

Na creche temos, ou deveríamos ter uma relação pautada em regras e combinados, tentando da melhor forma possível manter o respeito uns pelos outros. Quando nos deparamos com essas situações de comportamento na escola, procuramos um meio de comunicação para descobrirmos de onde vem esses problemas. Nos casos já abordados na creche em que atuo posso dizer que o mais notório foi a falta da mãe no dia a dia dessa criança, sendo assim quando presente se faz toda sua vontade. Sei o quanto é difícil passar o dia no trabalho, afazeres domésticos, vida sentimental, casamento... como dar conta de tudo, como controlar esse tempo tão corrido? Contudo, posso dizer que a criança necessita de afeto, precisando de limites, regras e cuidado em seus afazeres. Sendo assim, mais a frente saberá lidar com suas dimensões, dando conta do seu tempo, respeitando suas relações.

Acredito que a educação oferecida pelos pais em casa atravessa as relações sociais e pessoais que a criança constrói em grupos distintos.

O sujeito constitui-se com o outro, povoado de experiências trazidas da relação nos diferentes grupos. “ A identidade do sujeito é um produto das relações com os outros” (FREIRE, 2008, p. 97) atravessado por histórias e vivências, influenciando sua atuação no mundo.

“ Por isso, nosso ser individual nada mais é que um reflexo, onde a imagem de um espelho que nos devolvem é a de um “eu’ que aparenta unicidade, mas que está composto por inumeráveis marcas das falas, presenças de modelo dos outros.” (FREIRE, 2008, p. 98)

No cotidiano essa criança lida com diversos aspectos da vida, precisando de estímulos para enfrentá-los de forma harmoniosa. Por se tratar de crianças bem pequenas, sabemos que o controle passa longe. A criança é cheia de desejo, entusiasmo, descontroles, então toda liberdade que lhe é dada é explorada. Sabemos também que precisam de limites e conhecimentos de boa convivência.

Ao chegar ao mundo somos recebidos e por vezes acolhidos por um grupo, sendo esse familiar, onde firmamos laços de afeto, cuidado e experiências, que carregamos por toda nossa vida, sendo estes positivos e/ou negativos.

Nesse momento de entrada no espaço público, na separação entre criança e pais, aparecem os conflitos, cheios de culpa e sentimentos os pais se culpam pelo "sofrimento" (choro, negação, tristeza...) da criança, pois pela necessidade em ter que separar se de seus filhos não conseguem se adaptar, objetivo este sendo esperado nesse primeiro momento. Logo percebemos que com o passar dessa etapa para criança, ainda assim continuam os conflitos, pois os pais ainda não estão adaptados ao afastamento de seus filhos. Iniciando assim um segundo processo de adaptação, sendo esse com os pais. Nesse momento eles precisam ser bem acolhidos, para o ganho da confiança. Com as marcas trazidas de casa a criança demonstra necessidade de afeto em seu primeiro momento, precisando de carinho e cuidado, para então construir vínculos.

Na escola é notória a educação que a criança recebe em casa. Em suas ações e reações demonstradas percebemos como são criados, com ou sem limites. Assim como em casa a escola deve trabalhar essa questão de comportamento com a criança, não que devam ser quietinhos, calados, parados, sim saber agir com educação e respeito nos espaços e grupos inseridos.

Em casa, assim como na escola o adulto deve intervir as atitudes da criança, de maneira que a ajude a compreender quando seu agir está correto ou não. Por

vezes a ação da criança não é representada por fala, ao tomar o brinquedo da mão do colega ou empurrá-lo para sair do seu caminho, a criança necessita de uma mediação, uma voz, sendo essa de um “adulto modelo” que à ajude nomear essas ações, as transformando em falas.

Na creche percebo que algumas crianças têm dificuldade em alguns momentos da rotina e em algumas brincadeiras, dificultando a construção de sua autonomia.

Bem sabemos que com a falta de tempo, até mesmo por pressa a mãe acaba agindo pela criança, dando comida na boca, vestindo e calçando sua vestimentas, dando banho de forma rápida sem apresentar as partes do corpo e a importância com a higiene. Ao chegar na creche essa criança apresenta dificuldade ou até mesmo rejeição nessas tarefas direcionadas.

Nas atividades em grupo e em suas brincadeiras apresentam problemas na convivência com o outro, em partilhar e socializar os brinquedos, gerando conflitos.

Portanto, se considerarmos uma criança ativa, exploradora e criadora de sentidos, é preciso pensar um espaço e um educador que dêem apoio aos seus movimentos, que incentivem sua autoria e autonomia, que contribuam de suas possibilidades. Compreender a educação como mobilizadora da capacidade da criança de produzir sentido sobre o mundo é não repetir padrões já existentes implica um desenho de espaço e um determinado papel de educador. (CORSINO, 2009, p. 95)

A autonomia deve ser trabalhada a partir do planejamento, pautada na observação diária do educador, para com o grupo, buscando atender as necessidades de cada individual. Como sujeito social a criança constrói sua identidade na interação com o outro, através do vínculo nas diferentes relações.

Na prática, em sala de aula, é de suma importância refletirmos nossa rotina buscando desmistificar o olhar do “ fazer igual ao mesmo tempo “, onde a rotina aparece como “domadora” da ação da criança, passando assim a ideia de que fazem as mesmas coisas iguais no mesmo tempo. Contudo, sabemos que a rotina deve acontecer de forma a organizar o dia a dia dividindo as tarefas, e que cada criança deve ter sua liberdade de expressão dentro da mesma.

A rotina deve abranger todo planejamento, sendo este flexível aos possíveis imprevistos, assim como as possíveis manifestações da criança. Organizando o ritmo do dia e o ritmo da criança, podemos entender a rotina como ponto crucial na nossa prática, estabelecendo caminhos possibilitadores a ações da criança. Com a

rotina a criança constrói sua autonomia, aprendendo boas convivências no meio social, tomando conhecimento de tempo e espaço e sua participação nos mesmos.

É de suma importância que tomemos conhecimento da história dessa criança, para então termos a capacidade de perceber e ajudar no desenvolvimento social, psíquico e afetivo da mesma. Saliento também a importância do vínculo na relação entre educador e educando, permitindo e oferecendo uma relação afetiva e harmoniosa mantendo um bom convívio.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As primeiras descobertas de mundo são feitas no espaço privado, representado pela família, onde a criança constrói seus valores, sua ética primária. E esses valores são recebidos e reapreendidos no espaço público, na creche, nas relações mediadas pelo educador. Por este motivo, a escola e seu corpo técnico, devem manter uma visão ética do seu papel na vida da criança, para então definir seu trabalho.

Como espaço de educação, a creche deve fazer com que as famílias assistidas sintam-se integradas no trabalho oferecido e realizado com a criança, para assim participarem de forma gratificante nas atividades e eventos propostos pelo projeto pedagógico, permitindo assim que se tornem parceiras da creche, visando juntos um melhor desempenho da criança, com intuito de promover caminhos e perspectivas para um melhor aprendizado.

A creche deve promover e permitir espaços para diálogos, com encontros e vivências entre os sujeitos nela inseridos. Mantendo uma relação ativa entre família e escola, envolvendo a comunidade escolar no planejamento, buscando manter um vínculo afetivo entre responsáveis e educadores. Garantindo assim uma democracia, a partir de reuniões, atividades que relacionem pais, alunos e educadores, acreditando no diálogo como base de uma relação, pois não adianta saber sobre a pessoa, deve-se conhecer, para assim trabalhar com e por ela. Essas relações e trocas não funcionam fácil, deve-se criar estratégias para estabelecê-las.

Mediante as relações construídas e diferentes funções contempladas nas instituições de educação, cada profissional com sua singularidade e posicionamento pessoal, é responsável por suas ações. Com muito respeito, devem controlar-se, julgando o que é "certo" e o que é "errado", lembrando sempre do olhar para si e para o outro.

Na creche, assim como qualquer outro espaço de trabalho, existe uma hierarquia que deve ser ouvida e respeitada. Quando não assumido, esse papel se perde, deixando "sequelas" na comunidade escolar, deixando de lado a organização das funções e dos papéis assistidos, o que afeta um todo.

Na escola, o objetivo é a construção da cidadania, o saber conhecer e aprender ensinando novos cidadãos. Diante dessa realidade, cabe a postura ética

do profissional de educação infantil, pois somos quanto adulto representante, ponto de partida da construção da cidadania dessa criança.

Com as intervenções o professor produz mudanças de atitudes na criança, que procede em seu desenvolvimento. Através da reflexão e de diálogos estabelecem uma definição de um comportamento ético, que traz consigo o respeito ao próximo. O professor, com seu olhar, suas palavras e atitudes tem uma presença marcante na vida do indivíduo, a qual carregamos por toda vida, seja ela de experiências boas e ruins. Todo ser humano tem aquele professor ou aquela professora que deixou em si uma marca. Você lembra do profissional que mais lhe marcou, com a sua bela atuação, ou com a sua falta de ética?

A ética profissional está ligada aos comportamentos adequados para uma boa convivência seguida pelos funcionários de uma mesma equipe, que visam o crescimento em conjunto para todos, na busca de um ambiente saudável, amigável e produtivo. O respeito mútuo é um dos pontos cruciais para o desenvolver dessa ética, evitando assim um comportamento prejudicial no agir do outro.

Possibilitando transformações, a ética é fundamentada no exercício profissional na vida do ser humano, está aplicada a formação de qualquer pessoa, o fazer o bem ao outro, a partir da ação. A ética visa um agir em conjunto, uma postura perante ao outro.

São princípios e valores com práticas morais de uma boa convivência, aprendida no laço familiar, que nos acompanha como conduta social em toda vida, se dando na relação e no viver junto.

Por vezes o profissional acomoda-se a postura cotidiana, aceitando as coisa do jeito que estão. Fugindo da mudança prendem-se a zona de conforto, lugar de permanência, onde se sujeitam a qualquer trabalho. Com isso a prática pedagógica do dia a dia vai se tornando hábito, feito de maneira repetitiva.

Fazer do mesmo modo, acreditando que aquele é o único modo de ser feito, me oferece tranquilidade para continuar fazendo do mesmo jeito. Esse nível de repetitividade acalma, mas pode gerar passividade e, portanto, ausência de vitalidade. (CORTELLA, 2017, p. 42)

Frente a realidade encontrada, o profissional de educação infantil deve investir na perspectiva de ações significativas a criança, mobilizando uma prática competente, realizando um trabalho que respeite as especificidades da criança. Ressignificando sua prática, o professor passa por um processo de formação contínua, pois com as exigências que fundamentam a educação infantil passa por

constantes mudanças. Então, participando de atividades, cursos, reuniões e capacitações, o professor vive em movimentos que contemplam sua prática, desenvolvendo competências e habilidades em suas ações, mantendo uma conduta profissional e ética com críticas construtivas, refletindo assim suas ações.

Uma vivencia, algo pelo qual simplesmente eu passei, eu atravessei, ou algo me aconteceu, ela não é nada se ela não puder ser transformada em alguma narrativa compartilhável e transmissível ao grupo ao qual eu pertença. É a transmissão, é o compartilhar, que transforma a vivencia em experiência. (BENJAMIN, 1994, p. 114)

Para escrever esse texto monográfico, debruçei-me nos diversos autores citados acima, fazendo pontes com a minha prática. Confesso ter tido um pouco de dificuldade nas situações enfrentadas no dia a dia, pois envolvida no tema queria solucionar todos os problemas, achando que poderia dar conta do universo que me cercava, porém, de certa forma, tentei com os meus pequenos gestos e ações e acredito ter conseguido atravessar o pensamento de algumas pessoas, levando-as a uma reflexão. Foi muito difícil desprender-me das ações que antecederam essa escrita.

Através das pesquisas e estudos realizados na construção desse texto, pude perceber os possíveis caminhos que nos levam a misturar o espaço público e privado dentro das instituições de educação infantil. Levanto a hipótese de que a maior dificuldade se dá na compreensão da concepção de creche como espaço educativo, de direito da criança. Outro aspecto perceptível é a falta de comunicação entre família e escola.

Como as creches iniciaram seus trabalhos voltados às necessidades das famílias, pude compreender a dificuldade no exercício de reconhecimento e ressignificação do trabalho pedagógico que é desenvolvido nos dias de hoje, que valorizam o desenvolvimento da criança. Ainda preso na ideia de creche como lugar do cuidar da criança, pais e educadores não conseguem desprender o olhar assistencialista já introjetado. Confundindo o espaço da creche e as funções nela estabelecidas, dá-se então a grande mistura entre o espaço público e o espaço privado, onde as diferentes autoridades se perdem em seus devidos papéis na vida da criança.

A participação da família na escola é de suma importância na compreensão dos diferentes espaços e autoridades na vida da criança. Quando participativo, fica evidente o lugar que a creche ocupa na vida da criança, assim como a participação de cada pessoa no dia a dia dessa criança. A parceria entre creche e família favorece a relação e a comunicação entre educador, educando e responsáveis, diminuindo assim os conflitos enfrentados e as extensões que aparecem nos espaços educacionais, que envolvem a mistura do espaço público e privado, possibilitando ainda mais o desenvolvimento da criança.

Posso dizer que todo estudo e experiência vivida nesse processo monográfico muito agregaram à minha prática. Hoje, consigo mediar minhas relações dentro da creche, busco atuar da melhor forma possível, ocupando meu espaço respeitando o do outro, priorizando um melhor desenvolvimento da criança. A partir das aprendizagens adquiridas levo para minha prática a importância de uma participação conjunta entre escola e família na formação da criança, sendo essa primordial na educação infantil. Como ferramenta de trabalho carrego esse texto como prática reflexiva para minha instituição, buscando cooperar para uma melhor atuação da equipe, valorizando o trabalho do profissional de educação, diminuindo os presentes e possíveis conflitos que se estendem entre o espaço público e privado.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA E SILVA, M. C. **Psicopedagogia**: a busca de uma fundamentação teórica. São Paulo: Paz e Terra, 2010.
- ABRAMOWICZ, A.; WAJSKOP, G. **Creches**: atividades para crianças de zero a seis anos. São Paulo: Moderna, 1995.
- BENJAMIN, W. **Obras escolhidas**: magia e técnica, arte e política. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. v. 1.
- BRASIL. **Lei nº 8.069**. Manuais de legislação atlas. IN: Estatuto da criança e do adolescente. Manual de legislação. São Paulo: Atlas, 2008.
- \_\_\_\_\_. **Referencial Curricular Nacional para educação infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- CORSINO, P. (Org). **Educação infantil**: cotidiano e políticas. São Paulo: Aurores associados, 2009.
- CORTELA, M. S. **Basta!** Reflexões urgentes para pais e mães. São Paulo: Cortez, 2009.
- FREIRE, M. **Educador**: educa a dor. São Paulo: Paz e Terra, 2008.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários á prática educativa. 36. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.
- GUIMARÃES, D. **Relações entre bebês e adultos na creche**: cuidado como ética. São Paulo: Cortez, 2011.
- KRAMER, S.; ROCHA, E. (Org). **Educação infantil**: Enfoque em diálogos. Políticas públicas universalistas e residualista: os desafios da educação infantil. São Paulo: Papyrus, 2011.